



QUESTÕES DE GÊNERO NA CARREIRA DE PROFESSORAS UNIVERSITÁRIAS NA ÁREA DAS CIÊNCIAS BIOMÉDICAS

Beatriz de Azevedo Gomes¹
Vera Helena Ferraz de Siqueira²

Nossa sociedade, como muitas outras, tem a característica de ser androcêntrica; exemplos da "norma do masculino" estão presentes na sociedade em geral, e em particular nas hierarquias da comunidade científica. Tal cenário nos leva a pensar nas dificuldades das mulheres na academia, nos embates que travam, nos entraves à progressão na carreira, entre outros aspectos.

O estabelecimento de diferenças de gênero, etnia, classe social entre outras estão implicadas na democratização da universidade e nos desafios colocados para sua constituição como um espaço democrático e de formação para a cidadania.

No momento atual em que vivemos, uma série de deslocamentos de ordem social e cultural imprimem uma importante mutabilidade de valores e hábitos e da própria forma de lidar com o conhecimento. Questionar aspectos de gênero em relação à construção identitária de mulheres no percurso de sua carreira docente é importante no sentido de potencializar a universidade como um espaço democrático e inclusivo.

O binômio "gênero e identidade" está intimamente atrelado as questões sociais, históricas e discursivas e não pode, conseqüentemente, ser pensado ou teorizado de maneira isolada. Este binômio integra de forma intrínseca todo e qualquer processo de formação profissional de um indivíduo, subjetivando-o para determinadas formas de desempenho de papéis sociais. As desigualdades de gênero presentes na sociedade persistem, mesmo após décadas de atuação dos movimentos feministas, que continuamente tem aberto espaços para que mulheres possam atuar nas mais diversas áreas e tenham atuação profissional em maior igualdade com os homens.

Essas reflexões não podem ser feitas dissociadas da idéia do poder; assim, no rastro de Foucault, acreditamos que o poder conforme ocorre na sociedade moderna é fluido, produtor de identidades e do saber, e antes de ter efeitos só negativos, é também produtivo (FOUCAULT, 2003, P.148). A análise do poder em seu aspecto negativo, ou seja, aquele que reprime recalca e censura,

¹ Aluna de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Saúde do NUTES/UFRJ. bia@rio.com.br.

² Doutora em Educação, professora associada do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Saúde do NUTES/UFRJ. verahfs@yahoo.com.br.



não é suficiente, a percepção do poder deve ser mais ampla, abrangendo o domínio de rituais de verdade que levam ao aprimoramento do sujeito (Revel, 2006).

O processo de construção das identidades também não pode ser visto como algo fixo e estabelecido, mas em constante construção. Acreditamos que essas mulheres estão constantemente se construindo, em cenários culturais marcados por crescente fragmentação e por crescente disponibilidade de diferentes “lugares de sujeito” a serem ocupados; assim, suas identidades perdem a unicidade e passam a representar não uma, mas várias identidades onde a transitoriedade é a tônica (Hall, 2006, p.21-23).

Com tudo isso, embora possamos dizer que as mulheres hoje, em nossas universidades, estão em equilíbrio numérico com os homens (e até, em alguns cursos, em maioria), o mesmo não pode ser observado no que tange às suas carreiras. Há uma divisão sexual dos espaços pautada numa hierarquia, tanto na universidade (campo das formações), quanto no mercado de trabalho – âmbitos estes diretamente vinculados.

Este trabalho, um recorte de dissertação de mestrado em andamento³, tem por objetivo fazer uma análise, ainda de cunho preliminar, de significados construídos no que diz respeito às escolhas, desafios e embates vividos no que concerne a questões de gênero por uma professora de uma área em que poucas mulheres sucedem, a Patologia.

O corpus sobre o qual nos debruçamos refere-se a uma entrevista aprofundada, que percebemos ser emblemática, pela riqueza apresentada, uma vez que a professora rememora toda sua trajetória acadêmica, onde em pouco tempo inicia seu curso universitário, faz o mestrado e o doutorado e hoje ocupa a coordenação de seu curso de origem, tudo isso em praticamente dez anos. Dessa narrativa emergiram significados que consideramos de grande valor.

Apontamentos sobre as hierarquias nas Ciências

Embora não nos detenhamos aqui em um aprofundamento da dimensão histórica de aspectos de gênero que permeiam a Ciência, para compreender por que esta é predominantemente masculina, deve-se reportar às origens culturais da civilização atual. Tratando-se da sociedade ocidental chega-se a um denominador comum: a religião, onde somente os homens ocupam um lugar privilegiado,

³Título da dissertação: “Questões de gênero na carreira de professoras universitárias na área das ciências biomédicas”



percebendo-se a presença de componentes misóginos. O ocidente é marcado, de acordo com Chassot (2003, p.42), por uma tríplice ancestralidade: greco-judaico-cristã.

No resgate da ciência grega, Chassot afirma que há 2.400 anos, surgiram concepções que guiaram a produção de conhecimento durante séculos. Tais concepções legitimaram a submissão do sexo feminino ao masculino.

Na ancestralidade judaica, a idéia de superioridade do homem em relação à mulher é evidenciada desde o primeiro livro do Antigo Testamento da Bíblia – Gênesis – que trata da origem do universo, incluindo o homem e a mulher. Nas escrituras sagradas, o fato de Deus ser masculino já alimenta a cultura de superioridade do homem.

O cristianismo só pode ser compreendido a partir do terreno em que se desenvolveu – não é de modo algum um movimento de reação contra o instinto judaico, mas a própria conseqüência dele, um avanço na sua lógica temível, na fórmula do Redentor: “A salvação vem pelos judeus”. (Nietzsche, 2000, p.57).

No entanto, a noção de que os defeitos atribuídos às mulheres provêm das carências da educação que recebem vai conquistando mais adeptos. Poullain de la Barre (1647-1725), fazendo uso do método cartesiano, defende a noção de igualdade de ambos os sexos e conclui que se as mulheres estudassem conjuntamente com os homens nas mesmas universidades, ou em outras especialmente criadas para elas, poderiam se sobressair na Medicina, no Direito, na Teologia ou na Matemática. Argumenta, também, que as mulheres são imaginativas e engenhosas e, portanto, com grande predisposição para as ciências.

Segundo Schienbinger, 2001, p.61, “As universidades não foram boas instituições para as mulheres”, pois ao serem fundadas, a vida científica passa a se vincular com maior rigor ao espaço acadêmico dos laboratórios, onde a participação feminina foi expressamente proibida.

Ao longo de muitos séculos sendo negado o acesso feminino ao “*locus* formal” da Ciência, as mulheres somente ganharam acesso ao conhecimento científico por canais informais. “Mesmo assim as oportunidades só estavam disponíveis a mulheres nobres que efetivamente trocaram o grau social pela busca do conhecimento científico” (Maciel, 1999, p.3).

A entrada das mulheres na universidade deu-se de forma gradual; mesmo tendo acesso ao mundo acadêmico, o fizeram principalmente nas áreas humanas sendo “culturalmente” excluídas da área tecnológica e da saúde. Mesmo hoje, percebe-se que há preponderância feminina nas áreas humanas, caracterizando-se quase nichos femininos. Há uma divisão sexual dos espaços pautada



numa hierarquia, tanto na universidade (campo das formações), quanto no mercado de trabalho – âmbitos estes diretamente vinculados.

Nesta perspectiva, vale ressaltar que os discursos legitimadores destas disparidades entre mulheres e homens constituíram-se em paradigmas dominantes no campo científico. Assim, se hoje as mulheres já participam de todos os níveis educacionais - representando inclusive no Brasil maioria das matrículas no ensino superior (12,8% a mais que o número de homens matriculados) – por outro lado, estas ainda se encontram concentradas em áreas tidas como femininas.(Leta, 2003).

Discursos, disciplina e normatização

Um conjunto de valores e regras estruturam o comportamento e aspectos inerentes à condição feminina, tais como a maternidade e a priorização da carreira do cônjuge na dinâmica familiar como marcas específicas da trajetória profissional da mulher, no que diz respeito à progressão da carreira, conforme tem sido apontado por várias autoras, como Schienbinger (2001), Lima e Souza(2003) e Leta(2003) .

Inserida em relações de poder móveis e instáveis, a mulher se constitui como sujeito a partir de um processo de normalização que atua sobre o corpo feminino, regulando-o. A normalização integra o novo aparato jurídico que tem início no século XIX, em que o alvo final não é mais apenas punir o criminoso, “mas carrega uma avaliação de normalidade e uma prescrição técnica para uma possível normalização” (FOUCAULT,1987, p.21) que se aplica na sociedade. Trata-se da normalização da sociedade em termos de comportamentos corretos,

A fala inicial da professora mostra claramente a significação da família e da maternidade – que podem ser tomados como recursos de normalização importantes para o sucesso da disciplinarização na sociedade moderna - como marcos de sua trajetória de vida, como segue:

“... também tive dois bons exemplos dentro da minha própria casa, **dois exemplos de mulheres muito fortes**, a minha mãe e a minha avó. **Apesar de não terem grau de instrução, não estarem vinculadas a nenhuma parte acadêmica, mas a nível de personalidade, de caráter, de força, de determinação e mulheres de muita fé** também. Então, foram dois modelos que para mim foram fundamentais. Unido a isso o **meu gostar de conhecer coisas novas, ou seja, gostar do conhecimento**, e o exemplo de duas mulheres, ...”

“... eram mulheres fortes que não (pausa) Porque tinha **muito machismo na época, a dependência, a mulher tinha que ser submissa e elas dentro da realidade delas elas foram fortes, mas dóceis ao mesmo tempo**. Elas foram muito dóceis e dentro da realidade elas não tiveram assim, como eu falei nenhum viés acadêmico. Mas souberam lidar com as realidades difíceis, realidades bem difíceis que elas passaram, mas com um olhar muito de mulher de fibra, de **não se deixar se submeter a poderes**.”

“ ... **casei no ultimo ano do meu ensino médio e eu sempre fui uma boa aluna**. Casei com dezoito anos o meu esposo tinha vinte e um na época. Primeiro eu queria muito ser mãe e ele por ser filho único e muito machista, **depois de casado, espertamente ele fala: – Mulher minha não trabalha, não estuda, não dirigi. – Eu guardei a informação**. No final do ano, casei no ultimo ano, quando eu iria prestar vestibular me vi



grávida. Falei bom, então para tudo, então eu parei a minha vida, eu falei bom, **agora eu quero ser mãe! Ai não prestei o vestibular, mas coloquei na minha mente, depois que meu bebe crescer e ficar maiorzinho eu volto a estudar.** Só que ai, me vi grávida novamente depois que o Tiago nasceu então veio Mariana e depois da Mariana veio o Gabriel. **Então foram doze anos da minha vida que eu me dediquei aos meus filhos, dentro da minha casa, com o meu esposo, me dediquei aos meus filhos.**”

O contexto desse momento de vida descrito é notadamente regido por um referencial familiar machista e dominador, com poucas concessões e direcionado para a continuidade do modelo.

Outro referencial de vida surge quase imediatamente depois desse início, onde a religião mostra ser outro alicerce em sua trajetória; a força da norma, desta feita pastoral na ótica foucaultiana, é perceptível:

“Foi um período em que eu **li muitos livros de formação de caráter, de personalidade**, ajudei também sempre e estava vinculada a dar formação as pessoas, formação as famílias sempre ajudava. Então, eu me sentia (pausa) era **realizado dentro da igreja**. Com os casais, com as famílias.”

“Então eu **sempre busquei uma formação, mesmo ainda não tendo a possibilidade de vislumbrar um curso acadêmico porque eu tinha os meus três filhos pequenos**, mas na minha a trajetória eu sempre busquei esse conhecimento...”

Nesse último extrato nota-se o anseio pelo conhecimento, ora distante de alcance em sua forma acadêmica. Apesar de sua aparente submissão e docilidade ao *status quo*, uma incipiente estratégia que lhe permita acesso a uma relação de emponderamento começa a se delinear, o que torna claro o vínculo entre saber e poder, conforme concebido por Foucault (2003):

“Ai depois, que eu me vi, que **estava mãe** dos três filhos e que realmente eu não pude ter mais filhos porque eu precisei retirar o meu útero ai eu pensei: bom agora chegou à hora de retornar. Conversei com o meu esposo ai ele já estava bem mais amadurecido e eu também, ai **ele permitiu** que eu voltasse. Mas permitiu bom, sem fazer cursinho sem fazer nada estuda sozinha em casa e vamos ver o que acontece. Só que a minha vontade era tanta, eu gosto tanto que pra mim, assim, eu retornei ao meu mundo que eu tinha deixado um pouco de lado por um objetivo maior, né...”

“E ai eu estudei sozinha, colocava os meus filhos pro colégio e estudava e realmente fiz o vestibular, passei. Tanto que primeiro eu **achei que a minha vocação era dentro da psicologia**, por já estar acostumada a lidar com as pessoas, gostar de lidar com as pessoas. Mas quando eu comecei a ter aula de genética, de bioquímica, **nossa senhora eu falava, meu Deus é isso que eu quero.**”

“Ai eu **convenci** o Osias [marido] e no dia seguinte eu vim à Universidade, fiz a mudança de curso e no período seguinte eu já estava dentro da Biologia (pausa) **Conversei com ele no dia em que ele estava bem feliz, um dia em que ele estava tranquilo, ele estava feliz. Alimentei as crianças, botei todo mundo para dormir, todo mundo tranquilo, conversamos e mostrei a ele que era a minha vocação...**”

Conforme a entrevista progride, a professora passa a descrever sua trajetória, onde ela mergulha na vida universitária e dedica-se com afinco, tanto que conclui o curso de biologia em menos tempo que o esperado, com vários estágios extracurriculares, e fica clara sua vontade de aprender e de crescer como bióloga, ao aceitar oportunidades que a muitas em sua situação pareceriam impossibilidades.

“Bom, ai, só que claro mãe de três filhos, não tem muito, vamos supor, eu não via a vida da Universidade a vida de festa, **literalmente me fechei na vida acadêmica**, tanto que eu **me formei em três anos e meio, fazia**



nove disciplinas por período, cuidava dos meus filhos, fazia estagio e então foi **numa sede mesmo**. Parece que aquele período de doze anos que eu fiquei sedenta, não, então eu deslanchei mesmo. Fora, vários estágios.”

“Eu queria trabalhar com DNA, eu queira entender o DNA, porque eu já passei pelos meus estágios mas nenhum dos meus estágios foi remunerado. Então era por querer aprender mesmo e aí ela era muito interessante, ela [a orientadora] falou assim pra mim: - Claro, tem sim . Agora, o **estágio com DNA** que eu posso te arrumar é **DNA de onça**. **Aí que eu cá pra trás e falei, como? DNA de onça? Olha que eu sou mãe de três filhos!**. Aí ela sorriu e disse: **É pegar ou largar. Pois eu disse: então eu quero pegar**. Eu quero aprender a mexer com DNA que seja de onça, não tem problema nenhum, muito engraçado...”

Nesse ponto, a professora já coloca expressamente mudanças da percepção de seu marido, e progressiva adesão ao seu projeto de vida por parte de sua família; entretanto, encara como natural o aumento de sua carga de tarefas, onde a família e os estudos eram prioritários.

(...)O **primeiro emprego eu queira saber se eu tinha essa minha vertente para lecionar**, mas não tinha plena certeza porque eu nunca tinha lecionado. (...)foram simplesmente **doze turmas, era um bom começo...** (...) E fora que eu estava fazendo o experimento e tendo que estudar genética de populações, trabalhar com DNA, fazer coleta em campo, tinha que anestésiar onça, retirar sangue de onça, para trazer para o laboratório, para extrair o DNA e fazer as análises, e mãe de três filhos!. Ou seja, **foi bastante dinâmico e eu aceitei o desafio,(...)**”

“É interessante porque na minha família **eu fui a primeira a ter o curso de graduação**, então não tinha nenhum referencial anterior ao meu. E o bonito é que na **minha família**, principalmente é claro, além dos meus pais, meus sogros, mas meu marido e meus filhos, **eles me apoiaram muito e muito**. E isso assim me ajudou demais o apoio deles, tanto para a organização da casa, os meninos tentando organizar os estudos sem me solicitar muito. Então, eu acho que esse trabalho em equipe foi de fundamental importância e é claro, vinculado a isso **eu aprendi muito a ser uma mulher de fé, eu sempre me colocava muito nas mãos de Deus, aquela historia de pedir a Deus, mas colocar todo o meu empenho para que ocorresse.**”

Destacamos alguns pontos a respeito dessas falas, pois apesar de notadamente não haver mais a inicial oposição, a sua carreira é incorporada à realidade da família sem prejuízo dos papéis de esposa e mãe. Aqui mais uma vez parece importante trazer a noção de poder de Foucault, que nos faz ver que pela norma temos o enquadramento do indivíduo pela regulação de seu comportamento, adequando-o às noções sociais estabelecidas.(Foucault, 2007).

“...você tem que dar conta de várias áreas então assim é muito dinâmico, muito dinâmico mais ao mesmo tempo é extremamente gratificante, uma coisa **eu aprendi nessa minha trajetória no ser mulher, primeiro não cobrar do outro aquilo que faz parte do meu pacote**, ou seja, eu fiz algumas escolhas de, por exemplo, de continuar ou fazer um doutorado, isso requer tempo, requer dedicação mais de forma nenhuma isso precisa como eu falei ser que todos da minha casa parem o mundo porque eu fiz uma escolha, eu acho que isso é um ponto importante”

Considerações finais

A formação do sujeito em nossa sociedade “pós-moderna” é um processo contínuo, onde as identidades, perpassadas por relações de poder, estão em constante construção; este trabalho traz



como contribuição, ainda que pequena, ilustrar deslocamentos no processo de subjetivação de uma professora ao longo de sua trajetória, passando do paradigma tradicional de dominação masculina / submissão feminina para o empoderamento progressivo da identidade feminina, que passa a ter seu espaço profissional de relevância em seu micro cosmo familiar , ganhando relêvo acadêmico.

As demarcações do espaço feminino e masculino vão sendo modificadas paulatinamente e não sem pesados custos pessoais, pois para que essa situação seja modificada a figura feminina assume um *pacote* cada vez maior de tarefas e não divide suas atribuições iniciais dentro do núcleo familiar.

O caso examinado nesse artigo coloca em evidencia as práticas da disciplinarização e da normalização trabalhadas por Foucault em sua moderna visão de poder, e também da liberdade, que garante possibilidades de reação daqueles sobre os quais o poder se exerce, como o filósofo evidenciou na última fase de seu trabalho.

Bibliografia

- CHASSOT, A. I. *A Ciência é masculina? É sim, senhora!* São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003. (Coleção Aldus 16).
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: historia da violência nas prisões*. 36ª ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- _____. *Microfísica do poder*. 18ª ed. RJ: Graal, 2003.
- HALL, Stuart. *Identidades culturais na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LETA, Jacqueline. *As mulheres na ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso*. São Paulo: 2003. In <http://www.scielo.br>.
- LIMA E SOUZA, Ângela Maria Freire de. *As armas de marte no espelho de vênus: a marca de gênero em ciências biológicas*. (Tese de doutorado em educação/UFBA) Salvador: 2003.
- MACIEL, B. *Mulheres Cientistas: a afirmação da diferença?* In: VIII JORNADAS DE FILOSOFIA, I CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE CIENCIA Y SOCIEDAD, Valladolid, 1999. Disponível em: <<http://www.webpraxis.com/bmaciel/>>.
- NIETZSCHE, F. *O Anticristo*. Tradução: Pietro Nasseti. São Paulo: Editora Martin Claret, 2000.
- REVEL, J. *Foucault conceitos essenciais*. São Carlos: Claraluz, 2005.
- SCHIENBINGER, Londa. *O feminismo mudou a ciência?* Tradução: Raul Fiker. Bauru:EDUSC, 2001.